

O tema traz consigo a possibilidade de abrir novos horizontes culturais e viabilizar possibilidades aos professores de desenvolverem técnicas apropriadas a cada criança, conforme sua cultura, estabelecendo uma vivência multicultural em sala de aula.

Compreender a influência da/s culturas e a aprendizagem dos alunos nas aulas de língua portuguesa.

Para isso se faz preciso conhecer e interpretar os alunos e este será o ponto alto da pesquisa; e para que isto ocorra precisamos pesquisar a cultura em sala de aula, a socialização e a integração entre o aluno e o professor, aluno/aluno, identificar no professor do 4º ano do ensino fundamental da E. E. Dep. Fernando C. C. Saldanha o grau de dificuldade encontrada nas aulas de língua portuguesa para justar com estas diferenças culturais e construir juntamente com alunos e professores através do diálogo um novo contexto cultural em sala de aula.

Desejava ao desenvolver este trabalho que fosse possível a realização de uma grande meta pessoal que é a de ver que a Educação está acontecendo de forma que, todos sejam respeitados na sua individualidade, pois ao ingressar nas Faculdades Magsul a acadêmica pretendia tornar-se professora e assim desenvolver um trabalho que viesse contribuir com o ensino aprendizagem da criança. Escolher este tema foi uma decisão muito difícil, pois sabemos tratar-se de um tema de grande alcance, portanto mesmo sabendo das dificuldades que iria encontrar decidiu levar adiante esta pesquisa, acreditando que futuramente poderá cooperar com o trabalho dos colegas docentes das escolas de ensino fundamental nos anos iniciais.

Ansiamos também proporcionar com este trabalho aos docentes da sala de aula a possibilidade de acolher seu aluno em uma relação mais suave, respeitando as diferenças de cada aluno em uma situação multicultural.

Sabemos que se faz necessário conhecer o aluno inserido em um contexto social, conhecer o universo dos educandos e dos educadores, sua bagagem cultural, e através do diálogo e em parceria, reinterpretá-los e recriá-los. Neste ponto, considerando que professor e alunos são sujeitos de uma relação recíproca de aprendizagem, torna-se possível diminuir as distâncias, as diferenças e as variações de alcance.

Segundo Brandão (1995)

A educação existe onde não há a escola e por toda parte pode haver redes e estruturas sociais de transferência de saber de uma geração a outra, onde ainda não foi sequer criada a sombra de algum modelo de ensino formal e centralizada. Porque a educação aprende com o homem a continuar o trabalho da vida. A vida que transporta de uma espécie para outra, dentro da história da natureza, e de uma espécie, os princípios através dos quais a própria vida aprende e ensina a sobreviver e a evoluir em cada tipo de ser (BRANDÃO, 2008, p. 13).

A educação está em todos os lugares e no ensino de todos os saberes, com isso se faz saber que através de técnicas e experiências novas os professores poderão proporcionar práticas que insiram seu aluno em um contexto multicultural, aproveitando cada uma das culturas existentes dentro ou fora da sala de aula. Assim não existe modelo de educação, a escola não é o único lugar onde ela ocorre e nem muito menos o professor é seu único agente educador.

Existem inúmeras educações e cada uma atende à sociedade em que ocorre, pois é a forma de reprodução dos saberes que compõe uma cultura, portanto, a educação de uma sociedade tem identidade própria. O ponto fraco da educação está nos seus agentes, pois, com consciência ou não, reproduzem ideologias que atendem a grupos isolados da sociedade. Se a educação reflete a sociedade em que ocorre, em sociedades tribais ela é comunitária e igualitária, já em nossa sociedade capitalista: específica, isolada e desigual.

Com isso o professor poderá explorar a relação aluno X professor em sua totalidade e fazer-se reconhecer através um do outro. Além disso, preocupamo-nos em enriquecer o conhecimento do professor através de argumentações e de temas atuais como a cultura e a educação multicultural.

No ano de 2010 na Faculdade Magsul, iniciei o curso superior em licenciatura em pedagogia para realização de um sonho antigo, “ser professora assim como minha mãe foi...”.

Ano de 2010, no auge de minha maturidade entrei no ensino superior, a beleza da vida adulta me proporciona conhecimentos interessantes. Sabendo que somente através do estudo alcançarei os objetivos traçados por mim, em favor da minha contribuição para uma educação que prime pela qualidade e pela verdade dos fatos.

Hoje eu acadêmica do curso de Pedagogia nas Faculdades Magsul, busco meu maior ideal que é ser professora e contribuir com o desenvolvimento intelectual da criança em sua individualidade e o respeito às diferenças culturais de cada uma delas.

Acreditamos que através dos estudos podemos nos conhecer ou até mesmo nos reconhecer. Daí a necessidade de pesquisar e responder a pergunta: “Como os professores acometem este tema em sala de aula?”, na Escola Estadual Dep. Fernando Claudio C. Saldanha nas salas de 4º ano do Ensino Fundamental dos Anos Iniciais nas aulas de língua portuguesa, da professora pedagoga regente em sala de aula.

Na segunda seção apresentamos um breve histórico sobre a importância da educação e da pedagogia e as influências culturais no processo de formação da criança, para isso recorremos a alguns autores: Brandão (2008); Ghiraldelli (2007) e Santos (2006).

Na terceira seção iremos descrever um pouco da origem da língua portuguesa e a diversidade cultural e para isso traz uma Linha do tempo do ensino da língua portuguesa no Brasil.

Na quarta seção apresentaremos os estudos sobre o Ensino da Língua Portuguesa na Fronteira entre Brasil e Paraguai, para isso abordaremos sobre a fronteira, a Diversidade Cultural na Fronteira, a escola, os sujeitos da pesquisa, a metodologia utilizada na pesquisa, às observações, as entrevistas e as análises interpretativas, seguidas das considerações finais e das referências.

2. CULTURAS NA SALA DE AULA: CONSTRUINDO CONCEITOS

Nesta seção apresentamos um breve histórico sobre a importância da educação e da pedagogia e as influências culturais no processo de formação da criança, para isso recorreremos a alguns autores: Ghiraldelli (2007); Brandão (2008) e Santos (2006).

Cada autor traz sua contribuição para o desenvolvimento deste trabalho, pois sabemos que a escola é um espaço sociocultural, em que é possível o encontro na diversidade. Ela é também um espaço marcado por símbolos, crenças, valores e uma diversidade de culturas.

Nesta perspectiva a abordagem sobre a diversidade cultural no contexto escolar é de suma importância, desafiando a escola a rever concepções e paradigmas e também a criar espaços inclusivos, de modo a respeitar e valorizar a diversidade cultural dos alunos.

O desafio maior para os docentes é encontrar estratégias diversificadas de ensino que ultrapassem programas e conteúdos, e que criem mecanismos que atenda à diversidade cultural dos seus alunos daí a necessidade de conceituar e entender a importância do tema escolhido.

2.1 Conceituando Pedagogia, Educação e Cultura.

A pedagogia é o campo que trata dos princípios e métodos de ensino, na administração de escolas e na condução dos assuntos educacionais. Isto segundo Ghiraldelli (2007)

Em nossos tempos, a palavra pedagogia não é um mero termo, uma simples palavra utilizada para designar uma atividade. Designa uma atividade, sim, mas é mais do que isso. Pedagogia transformou-se em um conceito a respeito do que fazer com a educação. E, para um conceito, podemos ter várias definições. Então, cabem para pedagogia várias doutrinas (GHIRALDELLI, 2007, p. 21).

O pedagogo é quem trabalha para garantir e melhorar a qualidade da educação, o pedagogo é o especialista em educação e sua função é lançar, espalhar conhecimento. Ele é capaz de atuar em diversas áreas educacionais, e compreender a educação como um fenômeno, a pedagogia tem dois grandes campos de atuação: a administração e o magistério, de modo que podemos tanto gerenciar e supervisionar o sistema de ensino quanto orientar os alunos e os professores. Em órgãos do governo, estabelece e fiscaliza

a legislação de ensino em todo o país. Em escolas, orienta e dirige os professores, com o objetivo de assegurar a qualidade do ensino. Também é ele quem verifica se os currículos estão sendo cumpridos e se condizem com as leis educacionais. Acompanha e avalia o processo de aprendizagem e as aptidões de cada aluno. Pode trabalhar também com portadores de deficiências físicas ou intelectuais, auxiliando em sua inclusão na sociedade, ou com educação à distância.

A palavra pedagogia tem origem Grega, na Grécia Antiga o *paidagogo* era o condutor de criança que a guiava ao local de ensino das primeiras letras e a outras atividades como ginástica e dos exercícios físicos, trabalho este que hoje é atribuído às babás.

Podemos dizer que o pedagogo era apenas um guia para a criança; é que ele tinha a função de conduzi-la no caminho da escola e do saber. E hoje sabemos que não é mais esta a função do pedagogo e sim, de possibilitar o ensino aprendizagem da criança de forma com que ela sinta prazer de estar sendo conduzida à escola.

Ao notarmos a origem da palavra pedagogia, o que importa é ver que ela guarda, ainda hoje, algo do significado utilizado no mundo grego antigo. Quando usamos a palavra pedagogia não estamos nos referindo propriamente ao conteúdo do que é ensinado, mas aos meios de ensino, aos procedimentos para que alguém tenha acesso a um determinado conhecimento de modo a aproveitá-lo da melhor maneira possível (GHIRALDELLI, 2007, p. 12).

O maior objetivo de estudar pedagogia é se apropriar dos meios de ensino para ser tornar um pedagogo. Para ser um educador e um mediador do processo de ensino e aprendizagem da criança, nos vários anos em que ela esteja frequentando a escola é necessário que o pedagogo conheça suas funções. Estas consistem na ação cultural do educador para intervir e transmitir os conhecimentos de forma sedutora, significativa e em comunhão com a realidade social e a história de vida do educando.

Como a conhecemos hoje, a pedagogia possui suas características básicas estabelecidas com o advento do chamado mundo modernos. Fundamentalmente, ela se define a partir dessa noção essencialmente moderna que é a infância. Isto é, a pedagogia, ou melhor, a pedagogia moderna e caudatária de modos de pensar e compreender a criança cujas origens se encontram no século XVI, XVII e XVIII. Esses modos geraram a própria noção de infância, como a temos atualmente (GHIRALDELLI, 2007, p. 33 e 34).

Para Ghiraldelli (2007), “Ao longo dos anos deixamos de tratar as crianças com indiferença e paparicação e passamos a respeitá-las, daí então passamos a um comportamento mais racional em relação aos meninos e meninas”. Nesse sentido Montaigne foi um dos precursores do fim da paparicação e as mudanças de comportamento para com as crianças, alegava que o simples fato de beijá-las e abraçá-las trariam conforto apenas ao seu ego e não uma demonstração de afeto por suas criancinhas e que seus pais abandonassem esse comportamento, e em lugar desse comportamento deveria haver o reconhecimento da criança como um ser diferente do adulto, recendo ser tratado com respeito e disciplina capaz de fazer a criança se tornar um adulto responsável”.

Após compreendermos como surgiu o pedagogo faz se necessário buscar algumas definições de Educação segundo Brandão (2008) isto e aquilo, e o contrário de tudo. Então recorremos a algumas pessoas e dicionários para alcançarmos um ponto em comum.

“Ação ou efeito de educar, de desenvolver as faculdades físicas, intelectuais e morais da criança e, em geral, do ser humano; disciplinamento, instrução, ensino”. (Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa, Caldas Aulete). “Ação exercida pelas gerações adultas sobre as gerações jovens para adaptá-las à vida social; trabalho sistematizado, seletivo, orientador, pelo qual nos ajustamos à vida, de acordo com as necessidades ideais e propósitos dominantes; ato ou efeito de educar; aperfeiçoamento integral de todas as faculdades humanas, polidez, cortesia.” (Pequeno Dicionário Brasileiro de Língua Portuguesa, Chico Buarque de Hollanda) (BRANDÃO, 2008, p. 54 - 55).

Segundo o autor educação é todo conhecimento adquirido com a vivência em sociedade, seja ela qual for. Sendo assim, o ato educacional ocorre no ônibus, em casa, na igreja, na família e todos nós fazemos parte deste processo.

Não existe um modelo pré-determinado para se educar, não existe uma única maneira. A educação ocorre a partir do momento em que se observa, entende, imita e se aprende; e este processo não ocorre somente dentro de uma sala de aula, onde existe um professor, formado para educar. Em todos os povos, em todas as classes, a aprendizagem está presente, de várias maneiras.

Ninguém escapa da educação. Em casa, na rua, na igreja ou na escola, de um modo ou de muitos, todos nós envolvemos pedaços da vida com ela: para aprender, para ensinar, para aprender-e-ensinar. Para saber, para fazer, para ser ou para conviver, todos os dias misturamos

a vida com a educação. Com uma ou com várias: educação? Educações (BRANDÃO, 2008, p. 07).

Brandão (2008) nos mostra que a educação pode ocorrer onde não há escola e por toda parte pode haver redes e estrutura sociais de transferência de saber de uma geração a outra. A evolução da cultura humana levou o homem a transmitir conhecimento, criando situações sociais de ensinar-aprender-ensinar.

A educação é praticada tão intensamente em alguns lugares que, às vezes, chega a ser invisível. Nas aldeias dos grupos tribais as crianças veem, entendem, imitam e aprendem com a sabedoria que existe no próprio gesto de fazer as coisas. A transferência do conhecimento ocorre indistintamente por todos os membros do clã. Segundo Brandão, a socialização é responsável pela transmissão do saber. “Quando o educador pensa a educação ele acredita que, entre homens ela é que dá a forma e o polimento” (BRANDÃO, 2008, p 25).

A educação aparece sempre que surgem formas sociais de condução e controle da aventura de ensinar e aprender e quando ela se sujeita a pedagogia, torna-se ensino formal, cria situações próprias para seu exercício e constitui executores especializados.

Com o advento das escolas, o saber comum se divide e surgem hierarquias sociais, a educação vira ensino que inventa a pedagogia, reduzindo a aldeia à escola e transformando “todos” em educador. Este saber elaborado é transmitido desigualmente, promovendo a diferença, e o grupo se reconhece neles por vocação ou por origem e espera em cada um deles um trabalho especializado. No entanto, a rede de troca do saber mais persistente e universal da sociedade humana é a família.

Então aparecem escolas, alunos e professores. O ensino de forma sistematizada, com regras, locais onde outros saberes serão aprendidos. E ao falarmos em educação, pedagogia é indispensável considerar como a cultura tem influências sobre estes dois alicerces da vida de uma criança.

A cultura para Santos (2006) é um tema cheio de ambiguidades e emboscadas, ele procura desmistificar os principais focos de confusão, expandindo a discussão no intuito de esclarecer por que as culturas variam tanto e quais os sentidos de tanta variação.

Analisando cultura como sendo tudo aquilo que caracteriza uma população humana, o autor descreve duas possibilidades básicas de relacionamentos diferentes: a primeira é a hierarquização das culturas, na qual, por exemplo, utilizando um critério de

capacidade de produção material, pode-se dizer que uma cultura é mais avançada que a outra.

E na segunda possibilidade de relacionar diferentes culturas, nega-se que seja viável fazer qualquer hierarquização, argumentando-se que cada cultura tem seus próprios critérios de avaliação e que para tal hierarquização ser construída é necessário reprimir uma cultura aos critérios de outra.

Pode-se notar nas palavras de Santos (2006) uma visão europeia da evolução das sociedades e suas culturas, como por exemplo, no trecho:

[...] sociedades indígenas da Amazônia poderiam ser classificadas no estágio da selvageria; reinos africanos, no estágio da barbárie. Quanto à Europa classificada no estágio da civilização, considerava-se que ela já teria passado por aqueles outros estágios (SANTOS, 2006, p.12).

Desta maneira, entende-se que as culturas são estágios de civilização que se diferenciam num contexto histórico cultural. As sociedades são diferentes, os seres são diferentes e as relações entre as sociedades e os seres também.

2.2 Pedagogia e a educação através dos tempos e lugares diferentes

A reconstituição da história é importante porque cada povo tem uma cultura diferenciada com interesses sociais e políticos que modificam o meio de vida da sociedade e essa reconstituição nos faz repensar os pontos positivos e negativos de cada época, resgatando, através dos tempos, o aperfeiçoamento dessa cultura histórica e das experiências que nos fazem abarcar o presente e futuro. O tempo nos favorece, somos a história que o tempo se incumbiu de escrever.

O tempo constrói os fatos e os fundamenta, transmite memórias e experiências, que nunca se esgotam. Modifica conceitos e significados, estabelecendo conflitos e mudanças indispensáveis à história.

A história resulta da necessidade de reconstruirmos o passado, relatando os acontecimentos que decorrem da ação transformadora dos indivíduos no tempo, por meio da seleção (e da construção dos fatos considerados relevantes e que serão interpretados a partir de métodos diversos) (ARANHA, 2006, p.20).

Sabemos que a preservação da memória não foi idêntica ao longo dos tempos, tendo variado conforme a cultura de cada povo. Segundo a autora, a pedagogia é a teoria crítica da educação, da ação do homem quando transmite ou modifica a herança cultural. A educação não é um fenômeno neutro, mas sofre os efeitos da ideologia, por estar de fato envolvida na política.

Desde os primórdios sabe-se que a educação sofreu mudanças e que as crianças aprendem "para a vida e por meio da vida", sem que alguém esteja especialmente destinado à tarefa de ensinar.

Para falar de educação de um povo e lugar precisamos antes conhecer um pouco da história da educação do Brasil, comparando a educação daquela época com a educação de hoje. O sistema de ensino tal como existe hoje é em grande parte produto de forças históricas, econômicas e sociais que nem sempre operaram de modo consciente. O sistema atual de ensino é este porque é isto que a sociedade exige. Desde a fase colonial a escola foi usada para impor e preservar a cultura transplantada e a educação servia como instrumento de reforço das desigualdades.

2.3 Educação básica e a legislação

Entender que a Educação básica passa por um contexto da legislação é importante para entender inclusive a pedagogia em tempos atuais e os motivos pelos quais as Diretrizes Curriculares do Curso de Pedagogia no Brasil (DCCPNS) tiveram mudanças em sua matriz para formar pedagog@s para a diversidade cultural, mas também para a multiculturalidade e interdisciplinaridade.

Essa diversidade está prevista na Lei de Diretrizes e Bases Nº 9394/96, lei brasileira que se refere à educação em todos os níveis e modalidades, composta por 92 artigos que versam sobre os mais diversos temas da educação brasileira, desde o ensino infantil até o ensino superior. Aprovada em dezembro de 1996 sob o número 9394/96, nela consta que o Ensino Fundamental compreende 9 anos, mas neste estudo, trataremos somente dos 5 primeiros anos.

A Lei de Diretrizes e Bases (LDB) foi criada para garantir o direito a toda população de ter acesso à educação gratuita e de qualidade, para valorizar os profissionais da educação, estabelecer o dever da União, do Estado e dos Municípios com a educação pública.

Na LDB 9394/96, consta a formação do professor, que deve atender aos requisitos mínimos exigidos para exercer a atividade docente. Nela encontramos as Leis que regem a educação nacional em todas suas modalidades, do Ensino Básico ao Superior.

Por isso fica claro que todos que atuam na área da educação, principalmente nos anos iniciais, devem ter conhecimento das Leis de Diretrizes e Bases, já que nela podemos encontrar tanto os direitos quanto os deveres dos profissionais da educação e também quanto aos seus governantes.

O problema da educação do Brasil não é a falta de leis que garantam os direitos dos alunos e dos professores a uma educação de qualidade, pois a LDB tem nos seus artigos o suficiente para isto. A questão é que muitos professores não têm conhecimento e não exigem o cumprimento da lei por governantes que não fazem a menor questão de proporcionar as nossas crianças e adolescente uma educação básica de qualidade.

Contudo, nosso estudo neste Trabalho de Conclusão de Curso será com foco na formação de pedagog@s para trabalhar com o quarto ano do Ensino Fundamental. E, em especial, sobre como deve ser ensinada a língua portuguesa como conteúdo.

3. O ENSINO DA LÍNGUA PORTUGUESA E A DIVERSIDADE CULTURAL

Nessa seção iremos descrever um pouco da origem da língua portuguesa e a diversidade cultural para isso traz uma linha do tempo do ensino da língua portuguesa no Brasil,

A língua forma um sistema vivo de comunicação que privilegia a mútua compreensão e entendimento de um determinado povo. Para tanto se faz necessário que a relação entre ensino-aprendizagem da língua portuguesa aconteça numa perspectiva Intercultural.

3.1 Linha do tempo do ensino da Língua Portuguesa no Brasil

A linha do tempo do ensino da língua portuguesa no Brasil nos faz refletir nas mudanças e conquistas que a educação e a pedagogia têm alcançado segundo o texto da REVISTA ESCOLA (s/a) com base em Mortatti (2000) e nos PCNs. O texto nos faz ver fatos relevantes do ensino da língua portuguesa bem como nos mostra as conquistas alcançadas nesta disciplina.

Foi em **“1759** - A Reforma Pombalina torna obrigatório no Brasil o ensino de Língua Portuguesa nas escolas. A intenção é transmitir o conhecimento da norma culta da língua materna aos filhos das classes mais abastadas” (REVISTA ESCOLA, s/a). Nesse sentido a língua materna aqui não é o tupi-guarani, língua indígena, mas o português, isso implicou então no silenciamento da língua indígena.

Dessa maneira, **“1800** - A linguagem é vista como uma expressão do pensamento e a capacidade de escrever é consequência do pensar. Na escola, os textos literários são valorizados, e os regionalismos, ignorados”. E isso ainda está presente nas salas de aula da educação básica, que precisa ser desconstruído, para que as linguagens regionais possam ser trabalhadas (REVISTA ESCOLA, s/a).

Mas, **“1850** - A maneira unânime de ensinar a ler é o método sintético. As letras, as sílabas e o valor sonoro das letras servem de ponto de partida para o entendimento das palavras” (REVISTA ESCOLA, s/a). Método esse que prevalece nos anos iniciais do Ensino Fundamental.

Foi então que “**1860** - Desde os primeiros registros sobre o ensino da língua, a escrita é vista independentemente da leitura e como uma habilidade motora, que demanda treino e cópia do formato da letra por parte do aprendiz” (REVISTA ESCOLA, s/a). Essa forma da escrita e da leitura por muitos anos abafou a criatividade e autonomia da criança nos seus riscos e rabiscos na hora da escrita porque sua cultura era diferente, bem como a leitura destas palavras, devido ao som fonético também oriundos de seus aspectos culturais.

Assim, foi que em “**1876** - O poeta João de Deus (1830-1896) lança a Cartilha Maternal. Defende a palavração, modelo que mostra que o aprendizado deve se basear na análise de palavras inteiras. É um dos marcos de criação do método analítico”. Foi no final do século XIX que entender as palavras e seus sons passam a ser uma habilidade que demanda sons e escrita.

No ano de “**1911** - O método analítico se torna obrigatório no ensino da alfabetização no estado de São Paulo. A regra é válida até 1920, quando a Reforma Sampaio Dória passa a garantir autonomia didática aos professores” (REVISTA ESCOLA, s/a). Dessa maneira os professores passam a ter liberdade na hora de ensinar a ler e escrever.

Portanto, foi em “**1920** - Iniciam-se uma disputa acirrada entre os defensores dos métodos analíticos e sintéticos. Alguns professores passam a mesclar as ideias básicas defendidas até então, dando origem aos métodos mistos” (REVISTA ESCOLA, s/a). Foi a partir destas disputas que os professores iniciaram na alfabetização o uso dos métodos de forma mesclada.

Destarte em “**1930** - O termo alfabetização é usado para determinar o processo inicial de aprendizagem de leitura e também da escrita. Esta passa a ser considerada um instrumento de linguagem e é ensinada junto com a leitura” (REVISTA ESCOLA, s/a). Nesse momento histórico aprender a ler e escrever significa que o aluno iniciou o processo de alfabetização.

Em “**1940** - As primeiras edições das cartilhas Caminho Suave de Sodré são lançadas nessa década, respeitando a técnica dos métodos mistos, e marcam a aprendizagem de gerações” (REVISTA ESCOLA, s/a).

Fig. 1 - Cartilha



Fonte: site internet¹

Em “**1970** - A linguagem passa a ser vista como um instrumento de comunicação. O aluno deve respeitar modelos para construir textos e transmitir mensagens. Os gêneros não literários são incorporados às aulas”.

Assim foi que em “**1984** - Lançamento do livro *Psicogênese da Língua Escrita*, de Emilia Ferreiro e Ana Teberosky. A concepção de linguagem é modificada nessa década e influencia o ensino até hoje: o foco deveria estar na interação entre as pessoas”.

Dessa maneira, em “**1997** - São publicados os PCNs pelo governo federal para todo o Ensino Fundamental, defendendo as práticas sociais (interação) de linguagem no ensino da Língua Portuguesa”.

Como pode ser vista a Educação e a Pedagogia sofreram mudanças dentro de alguns contextos históricos, dentre eles o desenvolvimento tecnológico e o aperfeiçoamento de novas maneiras de pensamento sobre a educação e a pedagogia, têm refletido muito para o desenvolvimento da sociedade atual. Algum de nós digo eu, por exemplo, passei pelas cartilhas *Caminho Suave* e sei que aquele método adotado não contribuía com a aprendizagem, e que se tratou de uma experiência desastrosa.

Assim então, vê-se a necessidade de uma educação escolar integradora, voltada para a diversidade, que respeite a pluralidade cultural, étnica e religiosa existente no contexto escolar.

¹Disponível em

<http://www.google.com.br/imgres?imgurl=http://www.edipro.com.br/MyImages/Caminho-Suave.gif&imgrefurl>= acesso em 15 out.2013.

Refletindo sobre a diversidade cultural presente diariamente no contexto escolar, Soares (2003) salienta que

O grande desafio que se coloca é a necessidade de entender a relação entre cultura e educação. De um lado está a educação e do outro a ideia de cultura como lugar ou fonte, de que se nutre o processo educacional, onde se formam pessoas e consciência (SOARES, 2003, p.165).

Esse pensamento confirma estas perspectivas de compreensão e valorização da realidade múltipla de todos os alunos, no sentido de promover a convivência fraterna e consequentemente à paz e a justiça social entre as culturas e os estudos culturais.

3.2 Conceituando significados

O ensino da Língua Portuguesa e os Parâmetros Curriculares Nacionais (1997), mais conhecidos como PCNs, foram elaborados a fim de servir como ponto de partida para o trabalho docente, norteando as atividades realizadas na sala de aula.

Cada instituição deve montar o seu Projeto Político Pedagógico, sua proposta pedagógica, adaptando esses conteúdos à realidade social da localidade onde está inserida.

Em sua abordagem, os Parâmetros Curriculares Nacionais definem que os currículos e conteúdos de Língua Portuguesa não podem ser trabalhados apenas como transmissão de conhecimento. Mas que as práticas docentes devem encaminhar os alunos rumo à aprendizagem.

A escola deve, pois, ter responsabilidade social, instituir situações didáticas fundamentais entre os temas a serem abordados. E, a prática docente, se constitui de formas pelas quais a aprendizagem acontecerá através do desenvolvimento de habilidades de leitura, interpretação, estudos independentes e pesquisa.

Ainda segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs)

O domínio da língua, oral e escrita é fundamental para a participação social efetiva, pois é por meio dela que o homem se comunica, tem acesso à informação, expressa e defende pontos de vista, partilha ou constrói visões de mundo, produz conhecimento. Por isso, ao ensiná-la, a escola tem a responsabilidade de garantir a todos os seus alunos o acesso aos saberes linguísticos, necessários para o exercício da

cidadania, direito inalienável de todos (BRASIL, PCNs da L.P, 1997, p. 15).

O aluno deve entender que em um país grande e de culturas variadas como o Brasil existem sotaques, expressões regionais e maneiras diferentes de falar como o linguajar paulista, carioca, baiano, gaúcho ou fronteiriço, nenhum está certo ou errado, eles são apenas diferentes.

3.3 Culturas – Identidade Cultural - Diversidade Cultural – Multiculturalismo – Interculturalidade e a Interdisciplinaridade

Nesse item falaremos sobre Culturas – Identidade Cultural - Diversidade Cultural – Multiculturalismo – Interculturalidade e a Interdisciplinaridade na Fronteira. Para isso, como já falamos no início do trabalho, apoia-nos em Santos (2006), para ele a cultura é uma preocupação contemporânea, bem viva nos tempos atuais. É uma preocupação em entender os muitos caminhos que conduziram os grupos humanos às suas relações presentes e suas perspectivas de futuro.

As transformações por que passam as culturas, ora são movidas por suas forças internas, seja em consequência desses contatos e conflitos, contudo mais frequentemente são por ambos os motivos. Ou seja, segundo essa visão, na avaliação de culturas e traços culturais tudo é relativo. Passa-se assim da expressão da diversidade das culturas para a comprovação do relativismo cultural.

Já o que Hall (2005) discute é o seguinte: independentemente da diferença (classe, etnia, gênero) o que a identidade nacional parece buscar é uma ideia de unificação. Mas até que ponto essa unificação anula e subordina a diferença cultural?

O que estaria descentrando o sujeito? O que estaria deslocando as identidades culturais nacionais na contemporaneidade?

Dentre esses questionamentos, Hall (2005) aponta a globalização como responsável por algumas destas transformações. Porque a globalização de um lado faz uma forte pressão de homogeneização cultural e, por outro lado, acaba produzindo novas identidades, particularizadas.

Hall (2005) destaca um ponto central na questão das identidades culturais, a emergência do que se entende por identificação.

Uma vez que a identidade muda de acordo com a forma como o sujeito é interpelado ou representado, a identificação não é automática, mas pode ser ganha ou perdida. Ela tornou-se politizada. Esse processo é, às vezes, descrito como constituindo uma mudança de uma política de identidade (de classe) para uma política de diferença (HALL, 2005, p. 21).

Dessa maneira, Hall (2005) corrobora para entender que a identidade é construção de relações culturais, e que ainda a questão da identidade está sendo discutida na teoria social. Para ele a essência desse argumento é o seguinte “as velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno, até aqui visto como um sujeito unificado” (Hall, 2005, p. 21).

A assim chamada “crise de identidade” é vista como parte de um processo mais amplo de mudança, que está deslocando as estruturas e processos centrais das sociedades modernas e abalando os quadros de referência que davam aos indivíduos uma ancoragem estável no mundo social”. Tendo em vista que estamos vivendo diversos conflitos de identidade cultural na modernidade, Hall faz concepções e traz indagações acerca do tema abordado (HALL, 2005).

O conceito de identidade é importante para examinar a forma como a identidade se insere no “círculo da cultura” bem como a forma como a identidade e a diferença se relacionam com o discurso sobre a representação (SILVA, 2000, p.16).

As questões do multiculturalismo e da diferença tornaram-se, nos últimos anos, centrais nas teorias educacionais críticas e até mesmo nas pedagogias oficiais. Mesmo que tratadas de forma marginal, como "temas transversais", essas questões são reconhecidas, inclusive pelo oficialismo, como legítimas questões de conhecimento. O que causa estranheza nessas discussões é, entretanto, a ausência de uma teoria da identidade e da diferença.

Falar sobre cultura, diversidade e multiculturalismo pressupõe falar sobre o papel do pedagogo na postura didática Intercultural, que lhe possibilita a troca e o diálogo entre as identidades diferentes e as culturas diferentes no somente nas conversas, mas na escrita e também na leitura.

É preciso que o pedagogo tenha uma atitude pautada nos princípios e práticas da Interdisciplinaridade, que segundo Fazenda (2001) é uma atitude de respeito,

humildade, parceria e espera. Para a autora a interdisciplinaridade não é apenas uma categoria de conhecimento, e sim, de ação.

A atitude, que se articula com a prática interdisciplinar, exige que o professor esteja sempre avaliando seu trabalho, verificando se está adequado à realidade se traz felicidade na relação professor-aluno e se leva à aprendizagem significativa (JOSGRILBERT, 2001, p. 85).

Dessa maneira, interdisciplinaridade é uma prática pedagógica que precisa não só perpassar as disciplinas, mas sim fazer com que o aluno interaja e participe, e o professor precisa estar pautado nas fundamentações teóricas, deixando de lado o conceito equivocado por parte dos pais de desordem e despreparo por parte do educador. Essa atitude que a autora Josgrilbert apud Fazenda (2001) fala nada mais é do que conhecimento, veracidade em si próprio, proporcionando a todos uma aprendizagem de confiança mútua.

O multiculturalismo no Brasil se dá por conta da miscigenação de cultura desde os tempos da colonização. Machado (2002) afirma que entre a cultura e o multiculturalismo existe uma relação oportuna, pois uma contém a outra e vice-versa.

Sabemos, porém que existem umas relações distintas entre a educação multicultural e educação intercultural. Segundo Fleuri (2006), uma destas relações se refere à intencionalidade, a segunda fala dos diferentes modos de entender a cultura em suas práticas educativas e a terceira refere-se à ênfase nos sujeitos da relação. “[...] o educador passa da perspectiva multicultural à intercultural quando constrói um *projeto educativo intencional* para promover a relação entre pessoas de culturas diferentes (FLEURI, 2006, p. 138)”.

A educação intercultural está pautada num campo educacional que se estrutura na procura em abordar questões relativas às problemáticas sociais, cujos seus reflexos recaem na educação escolar, buscando na formação da visão de mundo do educando, uma educação voltada para os valores de diversos povos, acreditando que o diálogo entre eles é possível. Daí a necessidade de valorizar a diversidade cultural é imprescindível, ou seja, é mais que isso, é preciso lutar para que haja o respeito, por parte de todas as pessoas, a essa diversidade.

Por isso faz-se necessário discutir o multiculturalismo no campo escolar. Alias, vale ressaltar que não há experiência pedagógica em que a referência cultural não esteja presente, ao passo que o espaço escolar é fruto de uma dinâmica que comunga de uma

variedade de idiosincrasias, provenientes, ainda que pareça redundante, de uma diversidade cultural.

No entanto a problemática que se torna evidente é quanto à ótica de uma única cultura, na perspectiva da educação que acaba construindo uma visão homogênea e padronizada dos conteúdos, bem como de todo processo educacional. A educação atualmente tende à necessidade das pessoas se adaptarem rapidamente as mudanças, pois somente a partir dessa contextualização os próprios educadores se tornam mais abertos e flexíveis, transmitindo o conhecimento e os valores do passado de forma equilibrada e preparando os educandos, para as inovações de um futuro incerto.

Não fazendo apenas uma reforma no ensinamento e, sim, implementando um sistema que facilite a aprendizagem, pois a globalização da economia trouxe outra dinâmica nas relações de aprendizado e trabalho. A tecnologia gera novas formas de trabalho, possibilitando o empregador de recrutar mão-de-obra especializada em diferentes lugares do mundo.

As práticas de educação e comunicação se convergem. Tendem a facilitar a aprendizagem e a compreensão do mundo pós-moderno, pois traz a realidade do educando que irá de encontro à cultura do mesmo e em busca da construção de uma pedagogia crítica, em que o educando é o construtor de seus conhecimentos.

[...] relação do sujeito com a cultura que o rodeia, com a cultura que o enriquece, com a cultura que contradiz a sua própria, ou melhor, com as múltiplas culturas que o influenciam - em suma, com o multiculturalismo (MACHADO, 2002, p. 80).

Assim, Machado (2002) afirma que o desafio que se impõe à sociedade, neste milênio, é a implantação de um sistema comunicativo que considere a educação e a comunicação. Há uma mudança de paradigmas, uma maior valorização em relação à comunicação e uma desvalorização da educação tradicional.

Os programas atuais de educação, de modo geral, apreciam a compreensão e a atuação na realidade cultural, a autonomia e a utilização das novas tecnologias de modo crítico e responsável.

E, o professor deste novo milênio precisa estar pautado na prática da educação e da comunicação, pois a autora Machado diz que a educação se forma e a comunicação

informa, e o espaço que as une é a cultura. É necessário direcionar as informações disponíveis nos meios de comunicação, de modo a favorecer a aprendizagem.

Acima de tudo, enxergamos a escola como um importante espaço de disputa e de construção de uma nova etapa dentro do processo histórico, mas não o único espaço. Além disso, é necessário acumularmos forças em outros setores da sociedade, sob a perspectiva da construção de uma sociedade justa, que tenha como objetivo o desenvolvimento integral das potencialidades humanas.

4. OLHARES SOBRE A DIVERSIDADE CULTURAL NO 4º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL NAS AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA NA FRONTEIRA ENTRE BRASIL E PARAGUAI

Nessa seção apresentaremos os estudos sobre o Ensino da Língua Portuguesa na Fronteira entre Brasil e Paraguai, para isso abordaremos sobre a fronteira, a Diversidade Cultural na Fronteira, a escola, os sujeitos da pesquisa, a metodologia utilizada na pesquisa, às observações, as entrevistas e as análises interpretativas.

A pesquisa foi obtida sob uma abordagem qualitativa, de campo, segundo Lüdke & André (1986), uma vez que a pesquisa qualitativa tem o ambiente natural como sua fonte direta de dados e o pesquisador como seu principal instrumento, sendo os dados são predominantemente descritivo e a preocupação com o processo muito maior do que com o produto.

A presente pesquisa foi realizada através da coleta de dados com entrevista semi-estruturada, foram feitas observações durante algumas semanas e, em seguida, a professora respondeu a um questionário aberto que lhe possibilitou emitir sua opinião e responder livremente.

4.1 Fronteira seca - Pedro Juan Caballero/Ponta Porã

Primeiramente é preciso definir o termo “Fronteira” segundo o Mini Dicionário Aurélio – Fronteira sf.1. Extremidade dum país ou região do lado onde confina com outro; limite, raia. 2. Limite (2).

Segundo Quintas (2006), *Fronteira* é um termo polêmico e polissêmico, por isso faz-se necessária uma séria reflexão a respeito do seu significado, uma vez que a pesquisa de campo foi realizada justamente em uma escola localizada neste espaço, uma divisa *seca* entre o Brasil e o Paraguai.

A realidade encontrada nas escolas de Ponta Porã, MS, não é diferente do contexto escolar de outros estabelecimentos de ensino localizados em regiões fronteiriças brasileiras. As situações de multilinguismo e multiculturalismo, sinalizadas nesses espaços, têm origem na época da conquista da América, quando os espanhóis se instalaram no Paraguai, impondo a sua língua, religião e cultura.

Esse contexto rico e peculiar em situações de bilinguismo encontrado nas escolas de Ponta Porã, MS, é, portanto, fonte relevante às pesquisas voltadas ao ambiente de ensino e aprendizagem, cujos desafios se baseiam em políticas linguísticas e opções pelas línguas envolvidas no cenário. Assim, algumas dessas línguas, como no caso o português, são valorizadas na sala de aula e outras ganham um espaço limitado.

Mas, afinal, que espaço é esse até aonde podemos ir? Qual a diferença entre linha de fronteira e faixa de fronteira? De acordo com o Art. 1º da Lei nº 6.634, de 2 de maio de 1979, é considerada área indispensável à Segurança Nacional a faixa interna de 150 km (cento e cinquenta quilômetros) de largura, paralela à linha divisória terrestre do território nacional, que será designada como Faixa de Fronteira. Ao delimitar a faixa de fronteira brasileira, a referida Lei prevê também que nesses 150 km de largura, faixa considerada indispensável à segurança nacional, é vedada a construção de pontes, estradas internacionais, campos de pouso ou indústrias, sem a prévia autorização do governo federal. É preciso lembrar que a fronteira está vinculada à história de diferentes povos, diferentes culturas e civilizações e, conseqüentemente, a diferentes identidades. Muller (2005) afirma que o conceito *fronteira* é empregado de modo diferente por quem é morador desse tipo de espaço e por um simples habitante desses locais. “Para aqueles que vivem nesses lugares, a linha divisória é tênue e não passa necessariamente pela demarcação geopolítica” (MULLER, 2005, p.584).

Vale ressaltar aqui que o português é falado em Pedro Juan Caballero mais por necessidade do que por simpatia pela língua, pois a maioria dos turistas de compras não fala o espanhol ou o guarani. Daí a necessidade de aprender a falar o português. Os idiomas oficiais do Paraguai são falados pelos comerciantes de Pedro Juan Caballero geralmente quando é conveniente para eles, por exemplo, quando se trata de algo confidencial que não deve chegar ao conhecimento dos clientes.

As fronteiras são marcadas pela realidade ambígua² que traz, por um lado, riqueza e diversidade e, por outro lado, riscos e desafios. Região de limites internacionais, com dinâmica socioeconômica singular, em que se evidencia o congaçamento da população, mercados, costumes, idiomas, culturas e fazeres comuns.

² Ambígua – adj.1. Que se pode tomar em mais de um sentido; equívoco. 2. Cujo procedimento denota insegurança; indeciso. 3. V. duvidoso. §am.bi.gui.da.de sf.(Mini Aurélio Século XXI Escolar, 4ª Edição Revista e Ampliada).

Fig. 2 –
Bandeiras Brasil e Paraguai



Fonte: site internet³

Essa figura 2 com as bandeiras do Brasil e Paraguai encontra-se na entrada da cidade de Ponta Porã, em frente a um dos maiores Shopping comercial da fronteira que é conhecido internacionalmente.

Fronteira é território de reciprocidades, estabelecidas de maneira formal ou informal, muitas geram alianças estratégicas e promovem a cooperação institucional, abrindo caminho para a internacionalização das empresas, produtos, serviços, boas práticas com o compartilhamento de experiências e ações conjuntas em prol do desenvolvimento local.

4.2 A Diversidade Cultural na Fronteira

A diversidade cultural refere-se aos diferentes costumes de uma sociedade, entre os quais podemos citar: vestimenta, culinária, manifestações religiosas, tradições,

³ Disponível em:

<http://www.flickr.com/photos/picturebrazil/4845372858/>

=Acesso em 22 out 2013

entre outros aspectos. O Brasil, por conter um extenso território, apresenta diferenças climáticas, econômicas, sociais e culturais entre as suas regiões.

No Brasil, o convívio multicultural não deveria representar uma dificuldade, afinal, a sociedade brasileira resulta da mistura de raças – negra, branca, índia – cada uma com seus costumes, seus valores, seu modo de vida, e da adaptação dessas culturas umas às outras, numa “quase reciprocidade cultural”. Dessa mistura é que surge um indivíduo que não é branco nem índio, que tampouco é negro, mas que é simplesmente brasileiro. Filhos desse hibridismo e tendo como característica marcante o fato de abrigar diversas culturas, nós, brasileiros, deveríamos lidar facilmente com as diferenças culturais existentes no meio. Mas não é exatamente isso o que ocorre.

A realidade encontrada nas escolas de Ponta Porã, MS, não é diferente do contexto escolar de outros estabelecimentos de ensino localizados em regiões de fronteira brasileira. As situações de multilinguismo e multiculturalismo, sinalizadas nesses espaços, têm origem na época da conquista da América, quando os europeus e espanhóis se instalaram, impondo a sua língua, religião e cultura.

4.3 Escola

O trabalho de Conclusão de Curso (TCC) foi realizado com uma turma do 4º ano do Ensino Fundamental Anos Iniciais da Escola Estadual Deputado Fernando Claudio Capiberibe Saldanha para que pudéssemos ter uma resposta aos nossos questionamentos e inquietações.

No momento em que escolhemos o tema deste trabalho ficamos apreensivos, pois sabíamos se tratar de um trabalho que envolveria também a escola e sua cultura. Então escolhemos a Escola Estadual Deputado Fernando Claudio Capiberibe Saldanha, pois sabemos se tratar de uma escola multicultural e que atende crianças de culturas variadas. E para tanto conheceremos um pouco do histórico dessa escola seu Regimento Escolar e seu Projeto Político Pedagógico.

Conforme Decreto nº. 6.892, de 1º de dezembro de 1992, cria-se a Escola de Pré-escolar, Primeiro e Segundo Graus “Deputado Fernando Cláudio Capiberibe Saldanha”, assinado pelo Governador do Estado de Mato Grosso do Sul – Dr. Pedro Pedrossian e Secretária de Estado de Educação – Professora Leocádia Aglaé Petry Leme.

Sendo assim, tornou-se realidade com a inauguração no dia 05 de junho de 1993, à Rua Jorge Pereira dos Santos, 321, no Bairro Ipê, município de Ponta Porã e através da Resolução/SE nº. 787, de 1º de fevereiro de 1993, resolve em seu artigo 1º. Autorizar o funcionamento do ensino de 1º grau – 1ª a 8ª série. A Escola recebeu o nome que a identifica em homenagem a um cidadão filho de Ponta Porã, o saudoso Deputado Estadual Fernando Cláudio Capiberibe Saldanha.

Fig. 3 – Fachada da escola



Fonte: Arquivo da escola

A escola mantém a fachada de origem figura 3 desde sua construção. De acordo com seu Regimento Escolar no Art. 1º - A Escola Estadual Dep. Fernando Cláudio Capiberibe Saldanha, localizada na Rua Jorge Pereira dos Santos n. 321, no município de Ponta Porã, Estado de Mato Grosso do Sul, tem como mantenedora a Secretaria de Estado de Educação, inscrita no CNPJ sob o n. 02585924/0001/22 , tem por objetivo a formação básica do cidadão, mediante:

- I - o desenvolvimento da capacidade de aprender, tendo como meios básicos o pleno domínio da leitura, da escrita e do cálculo;
- II - a compreensão do ambiente natural e social, do sistema político, da tecnologia, das artes e dos valores em que se fundamenta a sociedade;
- III - o desenvolvimento da capacidade de aprendizagem, tendo em vista a aquisição de conhecimentos e habilidades e a formação de atitudes e valores;
- IV - o fortalecimento dos vínculos de família, dos laços de solidariedade humana e de tolerância recíproca em que se assenta a vida social (PPP, 2012, s/ p.).

A Unidade Escolar é constituída por: direção escolar; secretaria; coordenação pedagógica; assessoramento escolar; corpo docente; apoio técnico operacional; corpo discente.

No Art. 44 do Regimento escolar fala que esta unidade Escolar ministrará, no âmbito do currículo da educação básica, em especial nas áreas de conhecimento e disciplinas Artes, Literatura e História, os conteúdos relativos:

- I - à Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena;
- II - à Educação e Ensino para o Trânsito;
- III - à História da Cultura Sul-Mato-Grossense (REGIMENTO, s/a).

E lá no Art. 88 fala que a Unidade Escolar poderá promover eventos visando à preservação e à divulgação das tradições culturais desta comunidade e da região.

Projeto Político Pedagógico (PPP) da Escola Estadual Deputado Fernando Claudio Capiberibe Saldanha, teve o início de sua construção em 1998, atualizado em 2008 e reformulado em 2012. Trata-se de um projeto que objetiva intensificar o desenvolvimento de ações cooperativas para a melhoria no processo de ensino-aprendizagem na Unidade Escolar.

A Escola, enquanto Instituição de Ensino valoriza o respeito ao indivíduo, com seus direitos, deveres e especificidades; a parceria como participante ativo para um melhor desenvolvimento do processo educacional; a igualdade de oportunidades a toda comunidade escolar; a criatividade como inovação individual e coletiva.

A escola adota a teoria crítico social e pretende segundo Libâneo (1985), ao lado de outras correntes, dar respostas mais específicas a questões pedagógicas e didáticas da escola pública; propõe uma educação vinculada à realidade econômica e sociocultural dos educandos, ligando ensino e ação transformadora da realidade, ação e reflexão, prática e teoria; sustenta a ideia de que o conhecimento está comprometido com a emancipação das pessoas, com a liberdade intelectual e política; associa as tarefas do ensino a uma análise crítica sócio-histórico-cultural do contexto em que as pessoas vivem; significa uma abordagem crítica dos conteúdos no sentido de tratar os conteúdos escolares dentro de uma análise concreta das relações econômicas, sociais, culturais que envolvem a prática escolar; objetiva contribuir efetivamente para a formação de sujeitos pensantes e críticos.

4.4 Identidade do Educador Multicultural

A identidade do educador sofreu e sofre interferências do meio. De acordo com Nóvoa (1992)

A identidade não é um dado adquirido, não é uma propriedade, não é um produto. A identidade é um lugar de lutas e de conflitos, é um espaço de construção de maneiras de ser e estar na profissão (NÓVOA, 1992, p. 16).

Para o autor o melhor lugar para o professor construir sua identidade, sua história é a escola, ou seja, o local de trabalho escolhido por ele. Pensamos que a educação multicultural é fundamental para dar a voz aos educadores e aos educandos fazendo com que estes tenham um papel ativo na escola e na sociedade à qual pertencem. Esta educação é, também, ela decisiva na mudança de atitude através do processo de ensino-aprendizagem. Pois, esta pedagogia envolve os alunos de maneira que sejam eles a descobrir e a refletir sobre o seu próprio lugar.

4.5 Observações

A presente pesquisa aconteceu após serem feitas observações durante um mês, uma vez na semana em apenas uma sala do 4º ano, da Escola Estadual Deputado Fernando Claudio Capiberibe Saldanha. Com a finalidade de obter resposta às inquietações quanto à forma que a professora regente acomete a cultura em sala de aula, quais as abordagens se aplicam a este questionamento, em especial nas aulas de Língua Portuguesa.

25/09/13 - No primeiro dia de observação em sala de aula percebeu-se que os alunos têm formas diferenciadas de comportamento. Muitas vezes fui questionada quanto a minha presença em sala de aula eles ficaram meio apreensivos, apesar de já me conhecerem.

Os alunos são bastante receptivos, porém pouco espontâneos seguem sempre um sinal da professora como se fossem movimentos e ações coordenadas ou ordenadas a um simples sinal feito por ela. No primeiro momento fizeram parecer uma sala de aula nota dez, pois respondiam aos estímulos da professora e faziam tudo muito bem feito sem dificuldades algumas.

09/10/13 - No segundo dia de observação a sala estava bastante agitada por conta da semana da criança. A proposta do dia era produção textual em forma de histórias em quadrinho com o tema “Dia da Criança”, os alunos tinham que contar uma história do seu dia da criança algumas delas tinham muito assunto pra contar e transcrever para o papel, mas a maioria não tinha muito que falar sobre esse dia tão sonhado por todos e pouco vivido por uma grande maioria deles.

Então percebemos o quanto a sala de aula é um universo em que várias culturas se encontram. E ali naquele momento a diversidade cultural ficou bastante explícita, alguns alunos têm sonhos que acreditam ser impossíveis de realizar e deixam isso claro em suas falas. Para alguns comemorar datas como dia da criança, natal, páscoa e até mesmo aniversário é simplesmente maravilhoso, pois recebem presentes de seus pais, avós, tios e tias enquanto outros nem ao menos são lembrados por seus pais, avós, tios e tias e muitas das vezes nem sabem ao certo a qual lar pertence realmente.

Através das produções textuais que a professora deu para eu ler notei que ali podíamos sentir a realidade de cada aluno seus desejos, suas frustrações, seus anseios e sonhos para um futuro melhor ou não. Em um dado momento a professora pergunta a eles quem trouxera a autorização e o dinheiro R\$ 5,00, para o passeio no trenzinho que aconteceria no dia seguinte e neste momento faz-se um silêncio momentâneo, seguido de uma euforia de alguns alunos que foram presenteados por seus pais com um sim imediato. Enquanto a grande maioria relatou que precisou pedir ao avô/avó, tio/tia, pai/mãe até conseguir o dinheiro e houve até caso em que foi preciso fazer algum serviço como limpar um quintal a troco de R\$ 5,00 para conseguir ir ao passeio de trenzinho. Existem diferenças gritantes nesta sala de aula e a todo momento sentimos a falta de uma convivência mais harmoniosa por parte de alguns alunos mais favorecidos a despeito dos menos favorecidos socialmente.

18/10/13 – No terceiro dia de observação, após feriado, a sala já se encontra mais tranquila, a professora deu continuidade ao conteúdo programado, segundo ela diz, aos seus alunos.

Aula de língua portuguesa – a professora faz uma leitura compartilhada em sala de aula e neste momento observo atentamente cada aluno. Percebemos ali que a leitura para eles é o momento em que será possível rir um do outro, fazer pouco caso do colega, e isso acontece tão rotineiramente que me parece fazer parte da cultura da sala,

dos alunos ou até mesmo da professora que, em alguns momentos, faz interrupções na leitura, chama atenção de alguns alunos e a situação segue quase normal (?).

Após a leitura vem o momento das considerações sobre o texto lido, em que cada aluno faz comentários sobre o texto, daí sentimos a necessidade de interferência nas falas de alguns alunos cita 2/3 que por dominarem a leitura, ter acesso a livros, trazem com eles a cultura da leitura, fazem comentários muitas vezes desnecessários. As aulas de língua portuguesa acontecem de forma muito tradicional, fechada num conteúdo pronto, em alguns momentos ouço falas da professora a respeito do modo de vida de cada um, jeito de falar de cada um, forma de viver em seu ambiente familiar. Dando a eles a oportunidade de expor um pouco de sua cultura familiar.

22/10/13 – No quarto dia de observações a professora traz uma proposta de aula diferenciada aos seus alunos, um texto em que eles terão que fazer o final da história.

Os alunos fazem a leitura dos textos e em seguida começam a falar suas ideias uns para os outros em um dado momento percebo que a sala procura em seus colegas um roteiro para finalizar sua história tentando descobrir qual será o melhor dos textos, uma aluna da sala acredita que não haverá um final de texto melhor que o que ela produziu, pois é ela quem escreve melhor na sala, ela é quem tira as melhores notas e tudo dela é melhor que os demais alunos. Isto foi o que pude sentir durante os momentos que tirei para observá-la.

A professora aguarda até que todos concluam suas produções e prepara uma atividade no quadro com: ditado no quadro (cada aluno vai até o quadro e escreve uma palavra ditada, sempre com palavras que façam referência às figuras da produção textual). Neste momento nota-se a insegurança de alguns em escrever a palavra de forma que não corresponda às expectativas dos colegas (aqueles que acreditam serem os melhores). Como foi dito lá na primeira observação que os alunos estavam muito disciplinados, agora noto se tratar de uma sala de aula como todas as outras com dificuldades e divergências. E durante a aula presenciei um fato que me chocou grandemente quando um aluno foi agredido verbalmente por uma pessoa que não sua professora ou colega de sala e sim outra (?), e nada foi feito a não ser uma conversa meio que informal com o próprio aluno e nada mais. Fiquei estarrecida com o acontecimento, porém quieta e calada no meu canto sem esboçar qualquer reação, neste momento o aluno derramou algumas lágrimas envergonhado com o acontecimento que

para mim parecia muito chocante, porém foi tratado como uma coisa pequena, banal, não sei? Fiquei sem resposta para este fato.

31/10/13 – No quinto e último dia de observação senti uma enorme necessidade de permanecer mais tempo ali, mesmo que em meu cantinho silencioso para poder tentar entender qual a melhor maneira que o professor, enquanto educador/transmissor de conhecimento, teria que ter para que a cultura de seus alunos fosse respeitada. Aquela cultura que ele traz consigo mesmo, ou cultura de seus pais, seus avós, do meio em que vive seja ele qual for.

A sala estava bastante agitada por ser final da semana, a professora propõe que todas peguem o livro de leitura e procurem uma sombra no pátio para fazer “leitura ao ar livre” quase todos os alunos gostam da ideia menos uma aluna que parece ser cheia de vontades e delicadezas, Mesmo com a negativa da aluna a professora dá continuidade a sua proposta de “leitura ao ar livre” como ela gosta de chamar, ela justifica que essa metodologia aplicada poderá dar mais prazer da leitura às crianças.

Em um ambiente diferenciado notamos o maior interesse pela leitura por parte dos alunos mais dispersos em sala, a professora diz que eles costumam aguarda-la para fazer a leitura do texto e somente aí se interessam pelo texto. Acredita ser pelo fato de que seus alunos só estarem em contato com os livros na escola, quando teriam que ter como hábito ler uma página do livro por dia em suas casas.

Após retornarem a sala passam a fazer atividades gramaticais do livro e transcrevem para o caderno, peço para olhar alguns cadernos e percebo que todos os erros são sublinhados com caneta esferográfica vermelha e que algumas crianças sentem um pouco de constrangimento em mostrar seus cadernos, seria pelo fato de haver muitos erros gramaticais ou não? Não consegui entender por qual motivo seus cadernos são sublinhados, pois a professora justificou que faz as correções sempre no quadro de giz. Alguns destes erros são perceptíveis até mesmo na forma deles falarem, escrevem da mesma forma que eles falam. Não seria esta uma forma cultural de cada aluno?

Ao final concluí que muitas são as minhas inquietações e para tanto busco as respostas através deste trabalho, sabemos agora que a sala de aula é um universo de perguntas sem respostas. E que o educador terá que tentar responder uma a uma.

[...] as observações que cada um de nós faz na nossa vivência diária são muito influenciadas pela nossa história pessoal, o que nos leva a privilegiar certos aspectos da realidade e negligenciar outros (LÜDKE & ANDRÉ, 1986, p. 25).

Durante as observações feitas ao longo deste mês por várias vezes passou um filme em minha memória do tempo em que estava no quarto ano e via vários episódios parecidos que ainda acontecem em sala de aula ainda hoje.

4.6 Perfil dos alunos observados e da entrevistada

A professora entrevistada é nascida no Paraná – PR, hoje com 40 anos. Atua na área da educação há dois anos. É formada em Pedagogia há 03 anos, na Faculdade FAP UNOPAR, pelo curso a distância, UNOPAR - Interativa, que teve duração de três anos, com atendimento presencial por um tutor uma vez por semana.

A partir das observações destacamos 03 alunos que percebemos características marcantes na fala e nas atitudes.

Aluno A - Menina de cerca de 10 anos, bastante comunicativa e se destaca por estar sempre interferindo durante as falas da professora.

Aluno B - Menino, 10 anos muito tímido e calado. Tem descendência paraguaia.

Aluno C - Menino, 10 anos, falante, bastante dificuldade de aprendizagem e concentração.

4.7 Dados dos estudos

Após as observações durante os meses de setembro e outubro, uma vez por semana, partimos para a entrevista, porque numa pesquisa qualitativa “ao lado da observação a entrevista representa um dos instrumentos básicos para coleta de dados”, Lüdke e André (1986, p. 33). Entretanto, ao levar numa hora atividade da professora o roteiro de entrevistas para gravar, ela solicitou que eu deixasse com ela para que pudesse responder em casa, alegando a falta de tempo para falar gravando, e que preferia escrever. O que de certa maneira descaracteriza a entrevista passando à característica de questionário aberto.

Foram 12 perguntas sendo elas: 1-O que você entende por cultura? 2-As crianças da sua sala apresentam Culturas diferentes? Quais? 3-Essas crianças sofrem influências ou preconceito Cultural de outras crianças em sala de aula? 4-A escola tem momentos para trabalhar as Culturas dos alunos? Qual? 5-Quais influências Culturais

podem ser observadas nas aulas de Língua Portuguesa? 6-Como você trabalha com as crianças que falam ou escrevem misturando estes idiomas do Brasil (português) e do Paraguai (espanhol)? 7-Você acredita que as influências Culturais das crianças vêm somente da forma misturada de falar ou de outras influências também? 8-Você tem alguma criança na sala que fala ou escreve em espanhol ou guarani? Caso tenha, como ela interage com os colegas e vice versa? 9-As crianças da sua sala conhecem a sua própria Cultura e a Cultura do outro? 10-Você já trabalhou com eles sobre a multiculturalidade existente aqui em nossa região? 11-Você acredita que somos resultado de uma Multicultura e que vivemos em um universo da Diversidade Cultural? 12-Fale um pouco das influências Culturais em sala de aula e como você acomete esse tema em sala de aula.

4.8 Análise e Interpretação da Entrevista

As análises e as interpretações da entrevista com a professora foram muito importantes no estudo deste TCC.

A professora ao ser questionada a respeito de cultura responde que para ela:

A cultura é moda ou estilo de um povo e uma sociedade. Segundo Santos (2006) “Não se pode dizer que cultura seja algo independente da vida social, algo que nada tenha a ver com a realidade onde existe” (SANTOS, 2006, p. 44). O autor colabora para entendemos que o conceito de cultura ainda não está bem definido para algumas pessoas, mesmo sendo um tema que deve ser debatido nas escolas. Contudo pensando nas questões multiculturais e interculturais na educação deve-se destacar que a cultura é “teia de significados” Geertz apud Fleuri (2002). E ainda, segundo os PCNs-Temas Transversais (1997). Nesse sentido, a escola deve ser local de diálogo, de aprender a conviver, vivenciando a própria cultura e respeitando as diferentes formas de expressão cultural (BRASIL, 1997).

Sendo assim, se o conceito de cultura para uns é apenas modismo ou estilo, vemos a necessidade de pesquisar e colocar em prática os conceitos de cultura na escola como forma de dar suporte necessário as nossas crianças. Este pode ser um dos desafios que o educador precisa enfrentar, vimos em nossas observações que o aluno é o maior prejudicado quando não é trabalhado no cotidiano escolar o tema.

Perguntamos à professora se trabalha e como trabalha com as crianças que falam ou escreve misturando estes idiomas do Brasil (português) e do Paraguai (espanhol), ela responde que:

“Sim, através de recortes de revistas (procurar palavras), leitura, ortografia, filmes, conjunções de verbos onde eles têm mais dificuldades na concordância”.

Então entendemos que seus alunos não têm dificuldade e sim tem uma variação linguística segundo Bagno (2007), pois os alunos falam e escrevem conforme a influencia do país vizinho. A professora tem uma pratica de leitura que leva os alunos a obterem maior incentivo e prazer em ler um texto, história, conto de fadas que acontece em um ambiente mais confortável, a criança sai da rotina da sala de aula e vai fazer sua leitura “ao ar livre” como a professora gosta de chamar esta aula. Propicia aos seus alunos a leitura informal e sem influência da rotina de sala de aula.

Segundo Bagno (2007), o Brasil fala português, mas devido a grande extensão territorial do país acaba gerando as diferenças regionais. Assim, vemos na escola de fronteira acontecer algo parecido com nossos alunos que sentem na pele o preconceito por conta das injustiças sociais.

E essa diferença de status social que o autor fala explica o abismo linguístico entre o falante das variedades não padrão do português brasileiro (que no caso seria o aluno brasiguai que tem maior dificuldade, segundo a professora) e os falantes (da suposta) variedade culta que é ainda mal definida, porém a que é ensinada na escola.

Ao ser questionada se tem alguma criança na sala de aula que fala ou escreve em espanhol ou guarani e como ela interage com os colegas e vice versa? Então a professora responde:

Sim, alguns falam meio enrolado e escrevem enrolado; eles convivem normalmente, mas, às vezes, não querem nem fazer atividades no quadro com vergonha dos colegas. A professora tem a opção de intervir através de atividades que contemplem as variações linguísticas. E tem feito dinâmicas de grupo que apreciem esses alunos.

Salientamos que falar errado ou “enrolado” conforme resposta da professora, não significa que ele não tenha conhecimento algum da língua, porém a gramática facilita a comunicação. De acordo com Bagno (2007), A escrita surgiu para representar a fala e não a fala representa a escrita (MITO 6).

Ao falarmos a respeito da multiculturalidade na fronteira pergunto: Você já trabalhou com eles sobre a multiculturalidade existente aqui em nossa região? E ela salienta que:

Para falar de multiculturalidade ela precisaria estudar profundamente o tema, pois se trata de tema polêmico.

Acreditamos que a professora em sua formação não perpassou por conteúdos que tivessem dado ênfase a esta temática. Segundo Machado (2002) só há aprendizagem quando o educando usa o que aprendeu ou é levado a usar o que aprendeu...

A professora ao ser indagada se acredita que as influências Culturais das crianças vêm somente da forma misturada de falar ou de outras influências também ela diz que:

A cultura das crianças vem também da família deles e eu aproveito para falar de cultura nas aulas de história ou em datas importantes como “Dia do índio”.

Então notamos que ela não está alheia ao tema: Cultura em sala de aula, mas apenas trabalha os conteúdos da ementa curricular dentro das disponibilidades e quando é possível ou em datas específicas fala de cultura ou das culturas existentes em sala de aula.

Durante as análises assistimos a um vídeo da TV BRASIL muito interessante que nos fez refletir muito quanto ao comportamento do educador em relação ao educando a respeito das práticas aplicadas em sala de aula que muitas vezes é preconceituosa e/ou involuntária, mas que pode deixar profundas marcas nessa criança.

O vídeo “A língua falada e a língua escrita” que fala sobre um assunto polêmico diz mais ou menos assim “Escrever é diferente de falar”, muitas vezes falar e escrever errado não é errado, simplesmente faz parte da cultura da pessoa e devemos respeitar a cultura do outro, pois não existe cultura melhor ou pior que a outra e, sim, culturas diferentes.

Temos consciência de que o professor de língua portuguesa ou regente de sala como é o caso necessita ensinar a gramática, pois está dentro do currículo, porém sem o preconceito em sala de aula seja de quem for.

A análise e interpretação da entrevista foi bastante relevante, pois através dela demos como concluída esta etapa de nosso trabalho, acreditando ser possível levar adiante, em um futuro bem próximo, para concluir, quem sabe, estudos de pós-graduação ou um mestrado.

Esse é um tema de extrema importância que deve ser abordado e estudado para alavancar nosso conhecimento sobre a diversidade cultural e suas influências na aprendizagem da língua portuguesa, e nas relações sociais dentro ou fora de sala de aula, no respeito ao outro em todos os níveis e questões.

Acima de tudo, enxergamos a escola como um importante espaço de disputa e de construção de uma nova etapa dentro do processo histórico, mas não o único espaço. Além disso, é necessário acumularmos forças em outros setores da sociedade, sob a perspectiva da construção de uma sociedade justa, que tenha como objetivo o desenvolvimento integral das potencialidades humanas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao finalizar essa pesquisa pode se dizer que “@ pedagog@ não abordam o tema Cultura em sala de aula, na disciplina de Língua Portuguesa na Escola Estadual Deputado Fernando Claudio Capiberibe Saldanha na sala de 4º ano do Ensino Fundamental Anos Iniciais”, através de abordagens culturais, esclarecendo o conceito de cultura e citando os principais elementos que configuram a cultura de um determinado local, durante as aulas.

E não perpetra as intervenções acerca do preconceito cultural existente em nossa região, devido aos preconceitos linguísticos nas aulas de língua portuguesa.

Muito se tem falado acerca de diversidade cultural e necessidades que existem em um determinado grupo e da individualidade dos processos de aprendizagem que requerem do educador ciente do planejamento e situações que contemplem essa variedade.

A escola pesquisada tem se traduzido numa forma de conceber educação, o ser humano e seus processos formativos, ou seja, traduz um projeto político-pedagógico no qual a escola seja um espaço de transformação.

A professora entrevistada e a sala de aula também tiveram grande relevância no processo de conclusão do trabalho, pois contribuíram para eu responder minhas inquietações.

O ponto alto da pesquisa era conhecer, analisar: Como os/as professores/as abordam a Cultura e as Culturas em sala de aula de maneira a influenciar no processo ensino aprendizagem dos alunos do 4º ano na E.E.Dep. Fernando C.C.Saldanha, e assim o fizemos através da contribuição dos envolvidos. Por intermédio da pesquisa realizada compreendemos as influências das culturas na aprendizagem do aluno do 4º ano da escola analisada, pois ao abordar a pluralidade cultural da região de fronteira a professora promove no aluno o sentimento de valorização cultural dele, além do reconhecimento e respeito das diferentes culturas do outro, mostrando que não existe uma melhor ou mais desenvolvida que a outra.

Faz-se necessário que a professora entenda sua missão como profissional, que passe a enxergar que sua luta é constante e diária e não é em vão, pois a partir deste contexto poderá fazer com que surjam no futuro cidadãos bem sucedidos.

Acreditamos que através deste estudo teremos em mente o quanto é importante trabalhar com os alunos do 4º ano e dos anos antecedentes e subsequentes as Culturas existentes em nossa região e assim acabar com o preconceito de que os alunos de fronteira não sabem ler e escrever corretamente. Pois agora sabemos se tratar-se de mais um preconceito linguístico.

Então agora podemos responder verdadeiramente à pergunta condutora do curso de Pedagogia das Faculdades Magsul, “Qual o papel d@ pedagog@ na região de fronteira frente à multiculturalidade reinante visando a melhoria da qualidade de vida e da educação” e este papel seria ser um transmissor do conhecimento frente à diversidade cultural que cada aluno traz consigo, assim como cada professor também impregnada e aprofundada em seu ser.

O pedagogo é o profissional que está sempre à frente para abrir caminhos à diversidade de modo que todas as diversidades sejam exibidas ao mundo como métodos conscientes de que são elementos constituintes do ser e que por isso não podem ser descartadas nas relações humanas, nem mesmo entre os alunos aprendizes em fase de escolarização.

REFERÊNCIAS

- ARANHA, Maria Lúcia Arruda; História da educação e da pedagogia: geral e Brasil, 3ª ed., São Paulo; Moderna, 2006.
- BAGNO, Marcos. Preconceito linguístico– o que é, como se faz. 46. Ed. São Paulo: Edições Loyola; 2006.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues; O que é educação; Brasiliense, 2007 (Coleção Primeiros Passos; 20)
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental (1997) - Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa /Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: 144p
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental, Parâmetros curriculares nacionais: apresentação dos temas transversais/ Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 1997, 146p. Acesso em 27 Out. 2013.
<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro081.pdf>
- GHIRALDELLI, Junior Paulo; O que é Pedagogia? - 4ª Ed - São Paulo: Brasiliense, 2007, (Coleção Primeiros Passos; 193).
- HALL, Stuart. A Identidade cultural na pós- modernidade; tradução Tomaz Tadeu da Silva. Guaracira Lopez Louro – 11 ed, Rio de Janeiro: DP&A,2006
- JOSGRILBERT, Maria de Fátima. In Dicionário em Construção: interdisciplinaridade; Fazenda, Ivani. São Paulo: Cortez, 2001.
- KRAMER, Sonia. Alfabetização, leitura e escrita: formação de professores em curso – 7895+6.São Paulo, Ática, 2010.
- MACHADO, Cristina Gomes; Multiculturalismo: muito além da riqueza e da diferença; Rio de Janeiro: DP&A, 2002.
- MACHADO, Lia et al. O desenvolvimento da faixa de fronteira: uma proposta conceitual – metodológica. In: OLIVEIRA Tito C. M. de (Org.). Território sem limites: estudos sobre fronteiras. Campo Grande: Ed. UFMS, 2005, p. 87 - 112.
- MORTATTI, Maria do Rosário L. Os sentidos da alfabetização: São Paulo - 1876/1994. São Paulo: Editora UNESP, 2000.
- MULLER, K. M. Espaço de fronteiras nacionais, pólos de integração. In: OLIVEIRA, T. C. M. de. (org) Território sem limites: estudos sobre fronteiras. Campo Grande, MS: UFMS, p.573-592, 2005
- NÒVOA, Antonio: Vidas de Professores – Porto Editora, LDA – 1992
- SANTOS, José |Luiz dos . O que é cultura?

SILVA, Guaracira Lopes Louro – 10 ed. – Rio de Janeiro: DP7A, 2005- História da língua portuguesa: formação e implantação de uma língua navegante. Acesso em 26 Out. 2013.

<http://www.meuartigo.brasilecola.com/portugues/%20historia-da-lingua-portuguesa.htm>

SILVA, Tomaz Tadeu (organizador). Identidade e diferença – a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2000,133 p.

SOARES, Magda Becker (2003). Língua escrita, sociedade e cultura: Relações, dimensões e perspectivas. São Paulo: Revista Brasileira de Educação.

PONTA PORÃ-MS- Projeto Político Pedagógico, - Escola Estadual Deputado Fernando Claudio Capiberibe Saldanha, 2012.

PONTA PORÃ-MS- Regimento Escolar, - Escola Estadual Deputado Fernando Claudio Capiberibe Saldanha, 2012.

VÍDEO, TV Brasil – A língua falada e a língua escrita (24/05/2011). Disponível em http://www.youtube.com/watch?v=g_YB5frRZg. Acesso em 24 Out. 2013